

## HISTÓRIA E IMAGEM: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

### LUCAS PEREIRA DE OLIVEIRA

Discente do Mestrado Acadêmico em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará (MAHIS-UECE), pertencente à Linha de Práticas Urbanas. Também discente na modalidade sanduíche do programa de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. E-mail: lukaspereira2@hotmail.com.

### MARIA ELCELANE DE OLIVEIRA LINHARES

Discente do Mestrado Acadêmico em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará (MAHIS-UECE), pertencente à Linha de Memória, Oralidade e Cultura escrita. Bolsista FUNCAP – Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico. E-mail: linhareselcelane@yahoo.com.br.

### ANTONIA NATÁLIA DE LIMA

Discente do Mestrado Acadêmico em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará (MAHIS-UECE), pertencente à Linha de Memória, Oralidade e Cultura escrita. Bolsista FUNCAP – Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico. E-mail: natylimaphn@hotmail.com.

## E então um novo caminho historiográfico surge...

“Novos tempos levam a novas historicidades; boas perguntas constituem campos inesperados”. Asseverava o historiador Marc Bloch (2001, p. 30), nos fazendo refletir que os historiadores estão sempre fadados a questionar seu ofício, dentro das exigências do tempo e lugar em que vive. Desta forma, tomamos como centro do nosso debate uma história que não mais se compromete com a verdade pronta e absoluta, mas exatamente com as várias interpretações de mundo, por meio das práticas, representações, signos, imaginários, sensibilidades entre outros.

A partir deste ensaio somos convidados a repensar sobre o caminho que nos encontramos hoje, e principalmente, onde este artigo aqui se insere nesse novo fazer historiográfico, mais especificamente no campo daquilo que chamamos hoje de Nova História Cultural<sup>1</sup>. Com esses novos pressupostos e o auxílio importante do legado

---

<sup>1</sup> Expressão utilizada por Lynn Hunt em sua obra, tendo em vista a mesma nos proporcionar há pensarmos os princípios que fundamentam a Nova História Cultural,

warburguiano, fontes até então não vistas com “bons olhos”, passam a serem vistas como objeto e fonte de novas pesquisas historiográficas.

Nesse amplo debate, graças a certa herança positivista, os historiadores desprezaram por muito tempo fontes que não fossem oriundas do Estado, ditas oficiais. Posto que, no século XIX, as fontes oficiais escritas eram tidas como a forma mais idônea para a construção de um caminho seguro rumo à tão almejada “verdade científica”. Com a quebra dessa mentalidade, através da Escola dos Annales, o leque de possibilidade passou a fazer parte do metiê do historiador. Literatura, fontes orais, fontes imagéticas, sejam elas obras de arte, pinturas, fotografias entre outros começaram a ser problematizados em busca por “reconstruir” uma visão da história.

Aos historiadores da arte, essa possibilidade que a imagem tem em contar uma história, em ser problematizada, em ser percebida também como essência humana, já era palco de debate e já tinha caminhos mais sólidos, como relação a essa recém-abertura dada aos historiadores dos Annales.

No mencionado campo de abertura da historiografia, há atualmente um crescente interesse pela imagem por parte dos historiadores, acerca das inúmeras possibilidades que as mesmas possuem ou como discorre a Annateresa Fabris (2007): “(...) o mundo como texto, defendido até pouco tempo atrás por vertentes como o estruturalismo e pós-estruturalismo, está cedendo lugar ao mundo como imagem” (p. 31-47). Da mesma forma, Jean-Claude (2007) Schmitt, em sua obra sobre o corpo das imagens, discorre que “(...) a importância da imagem para o historiador está nas suas múltiplas características e funções” (p. 25).

Esse interesse, que parte tanto dos historiadores da arte, como dos historiadores em geral, tem provocados importantes implicações para ambos os campos – artístico e histórico. Fazendo

---

explicando os seus objetivos e mostrando o quanto é complexa o estabelecimento da dinâmica da expressão e interpretação do passado. HUNT, Lynn. **Uma nova história Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

com que os historiadores da arte percebam a dimensão social dentro da imagem, seja ela pintura, fotográfica, filmica, buscando identificar o lugar social de quem às produziu, para quem as produziu, com que finalidade, entre outros. Assim como, fazendo os historiadores perceber valores como a estética, a cor, a textura, características até então não percebidas.

Deste modo, o diálogo desses campos, História e Arte, vão perpassar as fronteiras de suas especificidades em direção há um mesmo caminho – a análise interpretativa do acontecimento. Ainda de acordo com Jean-Claude Schmitt (2007), “(...) o texto evoca seus significados na sucessão temporal das palavras; a imagem organiza espacialmente a irrupção de um pensamento figurativo” (p. 34). Texto e imagem são construções, portanto jamais serão neutras, e, ambos necessitam de historicidade.

Essa abordagem nos coloca a refletir sobre o uso das imagens no ensino de história, principalmente no que diz respeito aos livros didáticos. Muito tem se discutido que as imagens não podem ser utilizadas como simples complemento de aula, porque estão inseridas em uma dimensão mais ampla que denominamos de contexto, e que tem um peso significativo para a compreensão que os alunos podem ter de história. Por isso, a seguir explanaremos sobre as relações entre história e imagem, assim como sobre os sentidos e usos dessas últimas. Ao final propomos uma reflexão dessa linguagem para o ensino de história.

### **A história, a imagem e seu uso**

A história é feita de processo, é uma constante construção, e consequência de alguma conjuntura. Os fatos se entrelaçam, sofrem avanços e/ou sinais de recuos, são lembrados ou esquecidos de acordo com as “mãos” dos historiadores. É assim que a história é pensada, produzida e contada. O historiador não é senão, em todos os sentidos do termo, “(...) o fíctor, isto é, o modelador, o artífi-

ce, o autor e o inventor do passado que ele dá a ler” (HUBERMAN, 2013, p. 10). Contudo, a história só é possível por conta das ações humanas. Onde homens e mulheres deixaram suas marcas ali está à história. Como processo, para conhecermos e problematizarmos a relação da imagem com a história retomaremos brevemente a discussão da origem da imagem e de seu uso.

A imagem, por sua vez, pode ser entendida como uma dessas marcas deixadas pelos seres humanos em determinados tempos e espaços. Epistemologicamente o termo imagem origina-se na expressão *imago*, que significa figura, sombra e imitação. É possível verificar o significado de imagem no dicionário da seguinte forma: representação gráfica, plástica ou fotográfica de uma pessoa ou objeto; representação dinâmica, cinematográfica ou televisionada; representação exata ou analógica de um ser, de uma coisa.

Partindo dessa premissa, a historiadora Maria Lúcia Kern (2005) discorre que “(...) a imagem desde sua origem esteve relacionada com as representações e noção de imitação do real” (p. 07). As imagens pintadas nas pedras, pela arte rupestre é um exemplo da impressão que os homens tinham de seu meio.

Além disso, a imagem assumiria a função de registro, anterior a própria escrita. Segundo Régis Debray (1993), na antiguidade ela exerceu uma função mediadora entre “(...) os vivos e os mortos, seres humanos e os deuses; entre uma comunidade e uma cosmologia; entre uma sociedade de sujeitos visíveis e a sociedade das forças invisíveis que as julgam” (p. 33). A imagem e seus signos assim possibilitariam a materialidade, ou seja, tornar presente o ausente.

De modo geral, as imagens, filhas de seu tempo, percorreram processos históricos, tendo como exemplos de marcos: a arte rupestre no período paleolítico; os modos de registros de acontecimentos e representações religiosas nas primeiras civilizações; a ideia de perfeição nas esculturas, que segue da Grécia clássica ao período helenístico; a exaltação de feitos heroicos na Roma Antiga; o aprofundamento de técnicas de representações do plano divino

na idade média; a forte tendência filosófica e humanística propagadas no renascimento; a revolução possibilitada pelo desenvolvimento da impressão ainda no século XV, entre outros processos.

Ao longo do tempo as maneiras de representar e registrar, por meio das imagens, foi ficando cada vez mais aperfeiçoadas e cada vez mais permeadas de um rigor artístico, deixando de ser somente uma percepção do mundo, uma materialidade das coisas ausentes, para ser um retrato aproximado da realidade. Utilizando o exemplo da pintura, Maurice Merleau Ponty (1991) cita sobre a busca atenuada por técnicas de aproximação do real percebido e de convencimento:

(...) o privilégio da tinta a óleo que permite, melhor do que outra, atribuir a cada elemento do objeto ou do rosto humano um representante pictural distinto, a busca de signos que possam dar a ilusão de profundidade ou do volume, a do movimento, das formas, dos valores táteis e das diferentes espécies, (...) esses processos, esses segredos aumentados a cada geração são os elementos de uma técnica geral da *representação*. (p. 77).

Grosso modo, o grande *boom* no campo de registro iconográfico partiu da utilização da luz refletida em uma superfície sensível, a fotografia, uma utilização iniciada ainda no século XIX, e que passou por avanços tecnológicos cruciais a partir da segunda metade do século XX tecnológico. A imagem teve então seu universo significativamente ampliado, aumentando a sua importância na fixação de ideias e elementos.

Atualmente, importantes trabalhos são desenvolvidos mostrando a importância da fotografia, por exemplo. O trabalho de Anna Teresa Fabris discute a imagem fotográfica, na qual vai analisar o caminho percorrido por essa técnica fotográfica, assim como analisando a relação que a princesa Diane teve com a fotografia.

Embora tenhamos brevemente citado os caminhos históricos das imagens, vale ressaltar que outro campo merece ser mencionado nesse trabalho em que aproximamos história e imagem.

Diz-se sobre o como das concepções filosóficas e fenomenológicas em torno delas, ora entendidas meros registros, ora entendidas como arte, ora entendidas como tecnologia.

Quando tratamos de imagens materializadas é importante, antes de tudo, que compreendermos que, permeando todo o campo de representações humanas estão as faculdades miméticas e a questão da linguagem. Essa linguagem pode ser compreendida através do que Walter Benjamin (1987) chama de “semelhanças”, onde o homem na relação tempo/realidade/representação cria um sistema de signos para definir aquilo que vê a partir das semelhanças. Porque vejo uma flor e sei que ali é uma flor? Porque, não sendo ela única, a ela foi dado um nome que permite associá-la a outras. A linguagem seria, pois “(...) o lugar onde o mundo se faz signo, antes que possa ser nomeado e esse nome lhe tome posse” (FRANCO, 2010, p. 15). A imagem, tanto a da memória, como aquela materializada pode ser entendida nesse sentido como uma tentativa de impressão do presente, uma forma de congelar o “agora” para a posteridade.

Sabemos que toda imagem é um lugar de memória, tanto memória individual quanto coletiva. Sobre isso é importante lembrar o que diz Jacques Le Goff (1997), que devemos considerar a fotografia, simultaneamente como imagem/documento e como imagem/monumento. Totalmente construída, a fotografia pode e deve ser interpretada em suas múltiplas possibilidades. Lembramos que as imagens são portadoras de memórias com distintas temporalidades, conforme assevera Didi-Huberman em sua obra dedicada à problemática da história da arte como disciplina anacrônica. Estar diante das imagens como esta, é estar diante de diferentes temporalidades.

Ao fazer um apanhado sobre a noção da imagem, historiografia, memória e tempo, Maria Lúcia Kern (2010), procura apresentar reflexões teóricas sobre estas temáticas. Iniciando seu texto falando das modificações e fazendo o leitor compreender que “refletir o tempo das imagens é atravessar a espessura de distintas concepções de memória” (p. 10). Modernidade, memória e tempo

cíclico, memória e a emergência do historicismo, a autora vem debatendo tais momentos históricos a fim de possibilitar uma melhor compreensão do uso e da aplicabilidade da imagem, memória e tempo nos campos de conhecimentos.

### **Considerações finais**

A utilização de diferentes linguagens (nos referimos principalmente ao uso de imagens) no ensino da história corresponde a uma tendência crescente nas metodologias, a fim de possibilitar ao estudante um melhor aprendizado sobre temas diversos. Entretanto, é importante ressaltar também como o professor os utiliza dentro da sala de aula.

Nesse sentido, o uso de imagens na sala de aula precisa ser mais bem compreendido, de modo que não seja visto, por exemplo, como figuras ou desenhos com função meramente ilustrativa, mas sim como fonte privilegiada para o aprimoramento do conteúdo abordado. Dentro disso, ao longo deste artigo podemos perceber que as imagens não são o real do acontecimento, mas a representação dele. E que o trabalho com imagens deve possibilitar discussões sobre as condições de produção daquela imagem, ou seja, o contexto social, temporal e espacial em que foi produzida. Dessa forma, podem-se perceber seus significados, tanto para a época e sociedade em que foi produzida como para outras sociedades, em outros períodos e contextos históricos.

Diante do percurso proposto, podemos concluir que as imagens representam apenas uma das inúmeras versões postas nas mãos dos historiadores, afinal “(...) a construção do espaço da imagem e a organização entre as figuras nunca são neutras: exprimem e produzem ao mesmo tempo uma classificação de valores, hierarquias, opções ideológicas” (SCHIMITT, 2007, p. 34). Dessa forma, essa característica indica o quanto os usos de imagens no campo da pesquisa historiográfico e no campo do ensino da história, não po-

dem ser tomados de forma sintética e unicamente descritiva, assim como os documentos escritos.

Sobretudo, podemos concluir que as imagens são fontes promissoras aos estudos históricos e para auxiliar o professor no exercício do magistério. Mas isso só é possível se o historiador e professor compreender que elas não são um congelamento do real, mas que são formas de representações, e têm entrelinhas que merecem ser decifradas. Se a história é a ciência dos homens e das mulheres no tempo, as imagens são produtos dessa relação, relação essa nem sempre harmoniosa, podendo ser permeada de contradições e tensões. E é justamente aí onde mora o intrínseco enigma, em que se debruçam os estudos em torno das imagens, afinal não é do ser humano o jogo sempre recorrente entre registrar e esconder?

### Referencias bibliográficas

BENJAMIN, Walter. Doutrina das semelhanças. In: **Obras escolhidas I**. São Paulo: Editora brasiliense, 1987.

BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2009.

BLOCH, MARC. **Apologia da História**, ou, o Ofício do Historiador; tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CHARTIER, Roger. **História Cultural entre práticas e representações**. 2. ed. São Paulo: DIFEL, 2002.

CORNELSEN, Elcio Loureiro; SILVA, Márcio Seligmann; VIEIRA, Elisa Amorim (org). **Imagem e Memória**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012, p. 77.

COSTA, Heloise. Surpresas da objetiva: novos modos de ver revistas ilustradas modernas. In: SAMAIN, Etienne. **Como pensam as imagens**. Campinas: UNICAMP, 2012, p. 153-173.



DEBRAY, Régis. A transmissão simbólica. In: **Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente**. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1993.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da imagem**. São Paulo: Ed. 34, 2013.

\_\_\_\_\_. **La historia del arte como disciplina anacrônica**. In: Ante el tiempo. Historia del arte y anacronismo de las imágenes. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2008.

FABRIS, Annateresa. **Discutindo a imagem fotográfica**. In: Domínios da imagem. Londrina, ano I, n. 1, p. 31-41, nov. 2007.

FRANCO, Ana Luiza Varella. **Walter Benjamin: tempo, imagem, imitação, apresentação**. In: Semana dos Alunos de Pós-graduação em Filosofia, 10, 2010, Rio de Janeiro. Anais: Rio de Janeiro, PUC-Programa de Pós Graduação em Filosofia, 2010.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

HUNT, Lynn. **Uma nova história Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KERN, Maria Lúcia. **Imagem, historiografia, memória e tempo**. ArtCultura, 12, n. 21, jul-dez. 2010.

\_\_\_\_\_. **Tradição e modernidade: a imagem e a questão da representação**. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXXI, n. 2, p. 7-22, dezembro 2005.

LIBANEO, Jose Carlos. **Educação escolar: políticas, estruturas e organização**. 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

NAPOLITANO, Marcos. Cultura. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Novos temas nas aulas de história**. São Paulo: Contexto, 2009.

SAMAIN, Etienne. **Como pensam as imagens**. Campinas: UNICAMP, 2012. p. 153-173.

SCHIMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens**. Ensaio sobre a cultura visual na idade média. Bauru: EDUSC, 2007.